

## A Europa e a “exceção” francesa segundo Eduardo Lourenço

MARIA DULCE TAVARES MARTINHO

Professora do Ensino Básico e Secundário.

*«(...) de algum modo, a Europa me dói. (...) a Europa é um objecto de reflexão preocupada porque o que foi Europa, o que é Europa, o que pode ser a Europa traz essa marca interna de uma interpelação constante, aquilo que nós somos como seres humanos, aquilo que nós somos como projecto, aquilo que nós somos como destino.»*

Eduardo Lourenço, 1989

*« (...) a França vive e está dependente dessa mitologia: a de uma nação “exemplar” na Europa e mesmo no mundo. E, mais do que exemplar, pura exceção histórica.»*

Eduardo Lourenço, 1996

*«Comment va la France, Mòssieur? – Pas très fort, Mòssieur. Mais vous savez..., c'est la France.»*

Jean d'Ormesson, 2004

*«Somos como anões empoleirados nos ombros de gigantes (...)»*

Bernard de Chartres, século XII

“Viajantes de primeira jornada”, sentimos, perante tão reputado e esclarecido grupo de companheiros, a dupla angústia da “página em branco” e da dificuldade em juntar algo de novo ao muito que já se disse sobre Eduardo Lourenço.

Mesmo não abundando os estudos académicos sobre a obra deste gigante da cultura portuguesa, a verdade é que a sua presença constante em eventos de relevância mediática e a facilidade que parece ter em conceder entrevistas – com total ausência de arrogância “intelectual” - favorecem a profusão de retratos bio-bibliográficos plenos de jogos de palavras com os títulos dos livros do ensaísta de *O Esplendor do Caos* - a que estes se oferecem saborosamente, aliás - e as afirmações genéricas sobre a pujança luminosa do seu pensamento.

Sendo também longuíssima a lista de adjetivos aduzidos para qualificar o brilho do seu trabalho pensante – de difícil reprodução e a consentir-nos apenas listar meia dúzia de epítetos como: polémico, irreverente, irónico, mitólogo, original, criativo, de pensamento moderno e vivo, subtil, às vezes, ruptural, outras, criador de obra interrogante, inquieto, heterodoxo, livre, lúcido....- o que poderíamos nós acrescentar de ainda não dito?

Por isso mesmo, e na procura de alguma segurança que nos “defenda” nesta hora de dúvida, permitimo-nos lembrar - como o fez Lúcia Jorge num lindíssimo texto dedicado a Eduardo Lourenço, aquando do seu octogésimo aniversário - que, no caso do ensaísta-filósofo de São Pedro de Rio Seco, há a considerar não só a reflexão ensaística escrita, impressa, publicada em livro, mas igualmente a sua «(...) outra obra, a segunda, aquela que Eduardo Lourenço foi improvisando, incitado pelo momento e pelas circunstâncias»<sup>1</sup>.

Daqui decorre a “inapreensibilidade” da obra - se não mesmo do próprio Eduardo Lourenço enquanto autor - que a escritora de *O Cais das Merendas* presente nestes «*impromptos* extraordinários, (...) peças únicas de um pensamento tão mais luminoso quanto mais oral, como se o colóquio em estado puro fosse o território privilegiado para a agilidade e o brilho do seu discernimento»<sup>2</sup>.

E se aqui recordamos o consabido prazer lourenceano da palavra falada, da conversa, do “palear”- assumido total e muito prosaicamente pelo próprio que diz adorar, hoje, como no passado à mesa dos cafés de Coimbra, o “paleio” ocasional, o “palrar” horas a fio em debates, conferências, seminários, entrevistas..., insistindo na qualidade e quantidade da obra de Eduardo Lourenço de natureza volátil, por “oral” e improvisada, mais não pretendemos do que assumir a nossa incapacidade para, em tão honrosa quanto “assustadora” circunstância, ousarmos qualquer tentativa de originalidade ao referirmo-nos ao “pai” de uma obra que se institui como uma constante deriva, porque ora se distancia do objecto para melhor o observar e perceber, ora se funde com ele.

Ficamo-nos, então, pelo parafrasear das palavras de muitos dos oradores aqui reunidos em torno de um mestre da arte de, com a generosidade, a acutilância e a agilidade crítica próprias de um hermeneuta cultural interessado mais pelo sentido das coisas do que pela sua existência real, nos pensar e “pesar” não só como portugueses, mas também na nossa humana e fragmentada condição.

Pela sua irradiação comunicativa, pela interdisciplinaridade da sua observação crítica, feita por incursões nas múltiplas áreas do saber e até do nosso quotidiano, pela fluidez e fragmentação do discurso, pelo rigor da problematização nesta viagem intelectual, Eduardo Lourenço é “praticante” de um género indefinido: o ensaio que herdámos de Montaigne.

Diríamos, em síntese, que, tal como o autor dos *Essais*, Eduardo Lourenço exerce definitiva e organicamente o *mester* de pensar, de se pensar – e a nós consigo - num “exercício” constante, tão lógico quanto poético, de (re)interpretação, de autognose individual, de compreensão “apaixonada”. Convocando Álvaro de Campos e Carlos Reis<sup>3</sup>, poderíamos talvez

---

<sup>1</sup> Lúcia Jorge, «Espaço de liberdade sem negócio», *JL- Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº851, 14 de Maio de 2003, p.21.

<sup>2</sup> *Ibidem*.

<sup>3</sup> Cf. Carlos Reis, «O Ensaísmo como Revelação do Escritor», *JL- Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº851, 14 de Maio de 2003, p.9.

compará-lo a um novelo enrolado para o lado de fora, a suscitar em cada um de nós, seus interlocutores, um constante desejo de o mesmo desenrolar.

E quanto a si próprio, enquanto autor dessa mesma obra plural, a *classificação* (ensaísta, escritor, filósofo, pensador...) é igualmente tão aberta quanto redutora. A tal ponto que, ainda com Lídia Jorge, nos apetece concluir que o mais indicado será optarmos «(...) pelo simples nome, como se Eduardo Lourenço, entre nós, mais do que um pensador, fosse por si só um género, e ele próprio, como intelectual, se revelasse inqualificável e inapreensível, à luz de disciplinas comuns»<sup>4</sup>.

Face a tal dificuldade - se não impossibilidade - de, pelo menos sem polémica, “catalogar” a actividade de produção intelectual de Eduardo Lourenço – às atrás referidas poderiam juntar-se novas propostas: poeta, professor, sábio, mestre... todas recusadas por restritivas e inadequadas - talvez pudéssemos recordar a quase milenar descrição do elo que se estabelece entre o discípulo e o mestre, feita pelo monge e filósofo francês do século XII Bernard de Chartres, segundo a qual é “empoleirados” nos ombros de “gigantes” da cultura como Eduardo Lourenço que vamos olhando para a frente e conhecendo com os nossos olhos o que os seus passos e a sua elevada estatura nos permitem ver.

Ora, desta forma responsabilizados, mas mais confiantes, acreditamos que, melhor do que qualquer expressão portuguesa, o uso de um galicismo poderá ajudar-nos a dar conta do que primeiro detectámos na raiz da actividade reflexiva lourenceana. Neste balancear constante entre o filosófico e o poético, Eduardo Lourenço surge-nos *bien dans sa peau* e, no mesmo movimento, diz-nos Maria Alzira Seixo, detentor da «(...) capacidade manifesta do entendimento do imenso, representada num homem que, talvez por isso mesmo, se apresenta como um elo perdido ou desemparelhado em relação à sua matriz, ou pascaliano junco precário, mas vibrátil, cuja flexibilidade dá conta da dimensão humana do pensar diverso mas coeso que permite erigir o ser frente à grandeza do divino»<sup>5</sup>.

Chegamos assim ao domínio da reconhecida “heterodoxia” de pensamento de Eduardo Lourenço, mas igualmente ao que sentimos como a eterna desterritorialização de alguém sempre em viagem também fisicamente, num périplo constante, primeiro pelo mundo, depois sobretudo pela Europa, sempre entre Portugal e a França.

Uma errância física de que facilmente se pode encontrar paralelo na sua reflexão europeia – como no conjunto do seu pensamento - pois Eduardo Lourenço pensa a actualidade europeia (e nela, especialmente a francesa) mas de igual modo o seu percurso.

De facto, a Europa, matéria central da sua inquietação há décadas, foi adquirindo, ao longo do tempo e dos contextos, na sua análise de filósofo da cultura, novas tonalidades e

---

<sup>4</sup> Lídia Jorge, «Espaço de liberdade sem negócio», *JL- Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº851, 14 de Maio de 2003, p.20.

<sup>5</sup> Maria Alzira Seixo, «O Mito que é Tudo», *JL- Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº851, 14 de Maio de 2003, p.17.

pressupostos de problematização distintos. Há, no entanto, um conjunto de traços de fundo que se mantiveram constantes na reflexão europeia lourenceana.

No que concerne aos primeiros – os diversos ângulos de análise deste «(...) paradoxal objecto histórico-cultural, que vivemos e a que chamamos Europa»<sup>6</sup>, sempre com a «casa-França»<sup>7</sup> a ocupar lugar essencial – verificámos que Eduardo Lourenço, muito para lá de um ponto de vista geográfico restritivo e redutor, nos guiou por critérios e prismas tão ricos e complexos como o são os de natureza histórica, religiosa, cultural, simbólica e mítica.

Foi assim que fomos conhecendo uma Europa que parece ter de si própria uma imagem “estilhaçada” onde coexistiram no passado e sobressaem ainda nos nossos tempos relações de oposição estabelecidas em termos de centralidade/periferia (a França, a Alemanha e a Inglaterra/a Península Ibérica), virtualidade/realidade (essência utópico-cultural/realidade político-económica).

De tal constelação de forças potencialmente identitárias ou, pelo contrário, causa dos muitos momentos de hesitação e suspensão que Eduardo Lourenço também não deixa de assinalar, fazem prova, julgamos nós, diversíssimos artigos do autor em que são recorrentes expressões como «Europa cristã», «Europa virtual», «Europa mítica», «Europa real» e em cujos títulos é habitual o uso do plural da palavra Europa muitas vezes associado à copulativa *e* ou à disjuntiva *ou*. Deste modo, não espanta que Eduardo Lourenço insista que «de resto, para a maioria das nações europeias, à parte a sua pertença a um espaço geográfico mais ou menos identitário a Europa são sempre *os outros*»<sup>8</sup>.

Quanto aos traços comuns do património identitário da Europa, segundo Eduardo Lourenço, diremos que talvez o primeiro seja a dimensão conflitual, quase fratricida do Velho Continente, que nunca o deixou ser outra coisa senão uma Europa de nações, de diferenças, embora tendo definitivamente uma finalidade histórico-política partilhada: instituir-se como uma realidade rica de sentido civilizacional, unida e coesa em torno de um triplo legado de valores, imagens, mitos e sonhos - da Grécia, da Roma imperial e do Cristianismo - enquanto espaço de Paz, de Liberdade e de Democracia.

Em termos sumários, diremos que, na “mitologia” europeia de Eduardo Lourenço, esta seria uma “Europa-Nação” ou uma “Nação-Europa” que, sem se substituir às antigas comunidades nacionais, pela tomada de consciência desse consenso de raízes, pela comunicação entre estas “realidades” do Imaginário, pela partilha de valores não totalmente definidos, é certo, constituiria uma aventura de configuração cultural comum e, assim, um modo particular de ver o mundo.

---

<sup>6</sup> Eduardo Lourenço, «Da Identidade Europeia como Labirinto», *A Europa Desencantada - Para uma Mitologia Europeia*, Lisboa, Gradiva, 2001, pp. 234.

<sup>7</sup> Eduardo Lourenço, «Europa Real e Europa Virtual», *Visão*, 16 de Junho de 1994, p.34

<sup>8</sup> Eduardo Lourenço, «O Passo Suspenso da Europa» (2000/12/27), *Europa: Novas Fronteiras*, nº8, 2000, Dezembro, p.22.

Na verdade, ainda que com inflexões, avanços, recuos e embora admitindo que a Europa se define realmente pela oposição ao Outro, desde 1949, com «Europa ou o Diálogo que nos Falta», até à actualidade, Eduardo Lourenço mantém *uma ideia* permanente e uma crença de/na Europa da Cultura.

Assim, onde outros vêem uma construção artificial (incitada sobretudo pelo impulso de se distinguir de terceiros - o mundo islâmico, os Estados Unidos, o bloco de leste, o poderio económico de potências actuais como a China e a Índia), Eduardo Lourenço reconhece o valor simbólico inestimável de uma entidade “fugidia” e mítica, sem existência real, porque é da essência europeia manter-se como uma construção inacabada conduzida por uma perpétua insatisfação.

Ora, esta Europa sempre a criar e a criar-se, a enriquecer e a enriquecer-se nas/ pelas voltas da História, foi merecendo, por parte de Eduardo Lourenço, umas vezes, o seu encanto, outras, a sua desilusão desencantada. Por isso é que, em jeito de lembrança recorrente, sempre foi por ele invocada como um *lieu de mémoire*, diriam os franceses, a necessitar de se instituir igualmente, em termos de idealização “futura”, como *lieu d’avenir*.

Em suma, Eduardo Lourenço constrói, a partir do real, uma Utopia-Europa de pendor “trágico” conscientemente assumida, «(...) pois que esta se encontra fundada numa periclitante identidade cultural, feita de multiplicidades e culturas parcelares, por vezes, em luta e oposição dilacerada (...)»<sup>9</sup>.

Mesmo assim ou talvez por isso mesmo, constatámos como Eduardo Lourenço, através da sua análise filosófica, política e cultural, não deixou de se perguntar recorrentemente como podia a *ideia de Europa* sobreviver em momentos particularmente difíceis da vida deste continente e do mundo: as duas guerras mundiais da primeira metade do século XX<sup>10</sup>, (particularmente face às consequências “bárbaras” da Segunda com o Holocausto), a Queda do Muro de Berlim e o subsequente desmoronamento do Bloco de Leste, a invasão do Afeganistão, a Guerra do Golfo, o *Não* à Constituição Europeia...

Assim sendo, diremos que, mesmo partindo de uma noção de Imaginário criador, Eduardo Lourenço não ignora nunca a realidade de um Ocidente em mutação vertiginosa, pelo que um desânimo crescente face à realidade europeia se foi plasmando na sua reflexão mais centrada na esfera cultural e política.

No entanto, deve salientar-se que, qual D. Quixote, Eduardo Lourenço nos revela, proporcional e concomitantemente, uma constante capacidade de *re-sonhar* (em sentido onírico mas também poético) a Europa e a chamada “cultura europeia” para que o Velho Continente

---

<sup>9</sup> Maria Manuel Baptista, *Eduardo Lourenço - a paixão de compreender*, Porto, Asa, 2003, p. 441.

<sup>10</sup> Já agora não esqueçamos o que se passou na ex-Jugoslávia na última década do mesmo século.

não fique reduzido a um simples parceiro no «(...) mero jogo económico-político sem alcance histórico-espiritual, uma forma talvez ainda brilhante por fora, mas oca por dentro»<sup>11</sup>.

Na verdade, Eduardo Lourenço tem a clara noção de que existe falta de correspondência entre o “mito Europa” e a Europa institucional e política, como se, à medida que esta se reforça enquanto realidade vivida em termos de troca de práticas sociais, a sua necessidade simbólica se diluísse e o sentimento de pertença à Europa se realizasse, afinal, essencialmente, através de dinâmicas económicas, hoje ainda mais acentuadas no contexto da globalização.

Desta forma, da análise de boa parte da mais recente reflexão lourenceana sobre a Europa, parece concluir-se que para o autor há dois grandes factores que contribuíram para a actual situação desta “Europa- Penélope” «(...) em que cada um parece investir o mínimo para receber o máximo»<sup>12</sup>.

Verifica-se que, por um lado, o Velho Continente já não está “sozinho” e, por outro, que foi incapaz de não “comprar” o modelo de vazio ontológico que os Estados Unidos foram vendendo, sobretudo ao longo da segunda metade do século XX. Nesta “Disneylândia planetária”, somos todos “americanos”, sem percebermos que, diz Eduardo Lourenço, «infelizmente, a *world culture* não é a cultura de ninguém»<sup>13</sup>.

Ora, defende igualmente o ensaísta que nem a França - «(...) o berço mais dinâmico da cultura ocidental»<sup>14</sup> - conseguiu ficar imune a esta quase ausência de sentido civilizacional e que actualmente o país de Montaigne e de De Gaulle «(...) parece sentir pela *World culture* aquela vertigem que em tempos, mas por motivos mais prementes, outras nações da Europa, ou fora dela, sentiam pela sua cultura, quando [a França] se assumia como virtualmente universal»<sup>15</sup>.

Uma focagem mais directa em alguns dos variadíssimos ensaios, entrevistas, conferências, textos jornalísticos de Eduardo Lourenço sobre o lugar/a imagem da França na Europa mostrou-nos como, segundo ele, se foi diluindo o antigo “brilho” do «espelho da Europa durante os quatro últimos séculos (...)»<sup>16</sup> e, esgotado o “modelo francês” de vocação universalizante, mesmo tendo a França levado a cabo «(...) a tentativa mais bem sucedida e o esforço mais pertinaz de criar uma civilização estruturalmente ”laica”»<sup>17</sup>, a verdade é que essa associação, outrora reconfortante, aos valores do Hexágono *carré* já não permite à Europa continuar a ter a «(...) velha pretensão [...] de ser o paraíso da cultura, o espaço por excelência

---

<sup>11</sup> Eduardo Lourenço, «Divagações de um europeu à procura da Europa», *A Europa Desencantada – Para uma Mitologia Europeia*, Lisboa, Visão, 1994, p.12.

<sup>12</sup> Ibid. pp.22-23.

<sup>13</sup> Ibid. p.12.

<sup>14</sup> Ibid. p.10.

<sup>15</sup> Ibid. p.12.

<sup>16</sup> Ibid. p.13.

<sup>17</sup> Ibid.p.11.

onde o sentido da história se fazia e refazia, o único que gozaria do privilégio de ver sem ser visto, de julgar sem ser julgado»<sup>18</sup>.

Por outro lado, a França, ela própria, parece viver num estado de excepção permanente e, nas últimas décadas, subitamente lançada numa espécie de choque das civilizações acrescido das consequências de desígnios geopolíticos e empenhamentos internacionais vários.

Tal combinação de factores tem vindo a revelar-se internamente explosiva para a França, porque potenciadora de alguma revolta social. E, como velhos hábitos costumam a morrer, ainda hoje a França se debate, por vezes, com este sentimento de incomodidade face a uma Europa que deixou de ser à sua imagem e semelhança, porque se alargou à dimensão do continente e passou a integrar uma Alemanha reunificada e plenamente soberana, para além de conter agora no seu “ventre” uma parte do Islão em razão de uma imigração maciça, nem sempre bem assimilada.

Conjuntura essa que a reflexão europeia de Eduardo Lourenço não ignora. Pelo contrário, são suas as palavras que se seguem, relativas à fundura da crise francesa e, indirectamente, da crise europeia, «de que não por acaso a França é, ao mesmo tempo, o centro e a circunferência»<sup>19</sup>: a França «(...) é o epicentro da crise da Europa e mesmo do mundo como modernidade – (...) de perfil e conteúdos novos. (...) Ela que é a nação identitária por definição (...)»<sup>20</sup>.

Assim, Eduardo Lourenço defende que «a razão profunda da crise francesa tem uma relação directa com a construção europeia. É a Europa – esta Europa que a França é, superlativamente – e não só a seus olhos – que interpela uma França que não só perdeu a sua quase mágica influência ideológica e por consequência cultural na mesma Europa – que desestabiliza a sociedade francesa (...), tentada por um multiculturalismo em forma de caos cultural, sem razão alguma em mil anos de História e tradição intelectual»<sup>21</sup>.

Não é, portanto, desta França actual em crise de identidade - onde Eduardo Lourenço trabalhou, vive e continua a produzir reflexão, mas para onde hoje já não se «expatriaria»<sup>22</sup> - que a Europa pode receber a inspiração e o impulso de que tanto precisa num momento em que, no seu próprio entender, a mesma Europa « (...) e com ela o mundo – não está à beira de nenhum abismo. Só está à beira do abismo que ela conhece desde que existe como fascinado espaço para

---

<sup>18</sup> Ibid.p.21.

<sup>19</sup> Eduardo Lourenço, «Quo vadis Europa?», Comunicação apresentada à Conferência Internacional de Lisboa, em 6 de Dezembro de 2005, disponível em <http://www.ieei.pt/index.php?article=2075&visual=5>, p.1.

<sup>20</sup> Ibid. p. 2.

<sup>21</sup> Ibidem.

<sup>22</sup> Afirmou o próprio em entrevista conduzida pela Professora Maria Manuel Batista, emitida no Espaço - férias da Universidade Aberta na RTP 2 em 19 de Julho de 2006.

si e para os outros: o da própria Europa. Quando a cegonha-Europa ousará pousar os passos na sua própria ponte sem medo de si mesma?»<sup>23</sup>.

Não temos resposta para esta questão de Eduardo Lourenço, como a não temos também para muitas outras que nos foram surgindo ao longo desta deambulação pela sua reflexão europeia. Tal como prevíamos, não chegámos a soluções milagrosas nem a propostas teóricas muito inovadoras, mas, mesmo não afirmando, como Eduardo Lourenço, que a Europa nos «dói», na procura das respostas, teremos certamente entendido melhor o que representa, afinal, hoje, “ser europeu” e pertencer a esta comunidade de valores partilhados a que, desde Heródoto, chamamos Europa.

E, se nos sobram ainda muitas dúvidas sobre o presente e o futuro da Europa e da França, duas certezas ficam connosco também.

A primeira é que vamos continuar a ler, ouvir e discutir Eduardo Lourenço de quem aprendemos, entretanto, a apreciar o espírito vigilante e o extraordinário sentido de humor.

Que nos seja, por isso, permitida a “informalidade” e o aparente “despropósito” de aqui recordar a pequena história real, contada por Onésimo Teotónimo de Almeida, de acordo com a qual, certa vez, convidado para uma festa de *Halloween* de uma universidade americana, onde é tradição ir-se fantasiado, Eduardo Lourenço se apresentou quotidianamente vestido e, quando inquirido sobre a falta de fantasia, contestou declarando-se fantasiado de “europeu”<sup>24</sup>.

Por fim, segunda certeza e uma confissão: nesta altura, mais do que o receio admitido no início desta comunicação, face à densidade, argúcia e excelência da palavra e da reflexão ensaística de Eduardo Lourenço, ficou-nos sobretudo uma enorme “inveja” que, com a devida vénia, expressamos nas palavras de Eduardo Prado Coelho: «gostaria muito de ter a invenção de escrita, a densidade humanística, a diversidade de interesses ou a cultura histórica de um Eduardo Lourenço»<sup>25</sup>.

Tal não nos é naturalmente possível, mas, a ser verdadeira a asserção de Bernard de Chartres, aos “ombros” deste “gigante” da cultura, há ainda toda uma realidade cultural, histórica, literária, política que se oferece aos nossos olhos, no futuro, próximo, esperamos.

---

<sup>23</sup> Eduardo Lourenço, «O Passo Suspenso da Europa» (2000/12/27), *Europa: Novas Fronteiras*, nº8, 2000, Dezembro, p.22.

<sup>24</sup> Cf. Onésimo Teotónio de Almeida, «A magia de uma personalidade», *JL. Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 851, 14 de Maio de 2003, p. 22.

<sup>25</sup> Eduardo Prado Coelho, *Tudo O Que Não Escrevi. Diário II*, Porto, Edições Asa, 1994, pag.83.

## Bibliografia

ALMEIDA, Onésimo Teotónio de, «A magia de uma personalidade», *JL. Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº851, 14 de Maio de 2003, p. 22

BAPTISTA, Maria Manuel, *Eduardo Lourenço - a paixão de compreender*, Porto, Asa, 2003

COELHO, Eduardo Prado, *Tudo O Que Não Escrevi. Diário II*, Porto, Edições Asa, 1994

D'ORMESSON, Jean, «Le Bonheur d'être Français», *Le Figaro Magazine*, nº18526, 28 de Fevereiro de 2004, transcrito no sítio do *Conseil Régional du Culte Musulman* em França (disponível em <http://www.crcm-cha.org/modules.php?name=News&file=article&sid=170>)

JORGE, Lídia, «Espaço de liberdade sem negócio», *JL- Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº851, 14 de Maio de 2003, pp. 20-21

LOURENÇO, Eduardo, Introdução e comentários de Eduardo Lourenço ao texto da sua conferência «Os jovens e a Europa do Futuro» (1989), *I Encontro de Lisboa – Os jovens e a Cultura na Europa do Futuro*, Lisboa, Centro Nacional de Cultura e Instituto Juventude, 1990, p. 207-212

-----, «Divagações de um europeu à procura da Europa» (23/06/1991), *A Europa Desencantada – Para uma Mitologia Europeia*, Lisboa, Visão, 1994, p. 9-23

-----, «Europa Real e Europa Virtual», *Visão*, 16 de Junho de 1994, p.34

-----, «Mitterrand: a palha e o grão da história», *Público*, 9 de Janeiro de 1996, p.6

-----, «O Passo Suspenso da Europa» (2000/12/27), *Europa: Novas Fronteiras*, nº8, 2000, Dezembro, pp. 21-22

-----, «Da Identidade Europeia como Labirinto» (27/12/2000), *A Europa Desencantada - Para uma Mitologia Europeia*, Lisboa, Gradiva, 2001, 233-240

-----, «Quo vadis Europa?», Comunicação apresentada à Conferência Internacional de Lisboa, em 6 de Dezembro de 2005, disponível em <http://www.ieei.pt/index.php?article=2075&visual=5>

REIS, Carlos, «O Ensaísmo como Revelação do Escritor», *JL- Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº851, 14 de Maio de 2003, pp. 8-9

SEIXO, Maria Alzira, «O Mito que é Tudo», *JL- Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº851, 14 de Maio de 2003, p.17

*Dulce Martinho é Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Portugueses e Franceses) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mestranda de Estudos Franceses no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, onde brevemente defenderá uma dissertação intitulada “A França na reflexão europeia de Eduardo Lourenço”.*